

DIA DA REFORMA LUTERANA

31 DE OUTUBRO DE 2025

JOÃO 8.31-36

1 TEMA DO DIA:

“Deus nos promete e concede bênçãos em sua palavra e por meio de sua palavra”

2 LEITURAS:

2.1 Salmo 46

Este Salmo nos ensina e lembra que Deus é nosso refúgio, nosso socorro, e protetor em todos os momentos, especialmente em situações críticas. Podemos confiar nele, haja o que houver. Catástrofes naturais, guerras e violências praticadas pelo ser humano podem nos assustar e afligir como indivíduos e como igreja. Nossos inimigos espirituais—o diabo, o mundo, nossa própria carne corrompida pelo pecado—podem nos atacar e tentar nos afastar de Deus e da salvação. A ira de Deus contra a desobediência e transgressão humana pode nos causar medo. São muitas e variadas as crises que o cristão enfrenta no mundo. Mas, Deus é mais forte do que qualquer crise ou calamidade. Ele é o refúgio e a fortaleza na qual sempre podemos nos abrigar. Mesmo o Juízo Final, quando Deus colocar um fim na maldade e violência dos ímpios, não deve assustar seus filhos, pois será um dia de libertação definitiva para os que creem em Jesus como Salvador. Em todas as situações da vida, Deus é socorro bem presente. Ele está conosco com sua proteção e ele está presente na sua palavra, nas águas do Batismo e no pão e vinho da Santa Ceia.

Este Salmo serviu de base para o hino “Castelo Forte”, o hino mais conhecido do Reformador Martinho Lutero, também denominado de “Hino de Batalha” da Reforma Luterana.

2.2 Apocalipse 14.6-7

Esta leitura ressalta que o Evangelho será pregado em toda a terra e a cada povo antes do Juízo Final, de acordo com as palavras de Jesus em Mateus 24.14: “E será pregado este evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim”. O texto especifica que se trata de um evangelho eterno. É eterno porque será pregado até o fim dos tempos e porque é sempre o mesmo evangelho. A sua verdade não muda, não é adaptável ao espírito de cada época. É uma só verdade: a salvação por graça, pela fé na obra redentora obtida pelo sangue do Cordeiro. Em resposta a esse Evangelho, o anjo que o proclama exorta aos seres humanos que temam, deem glória e adorem o único Deus verdadeiro, Criador do céu e da terra. A hora do juízo, que segue à proclamação do Evangelho, não deve causar medo aos cristãos pois significa sua libertação do mal e dos malfeitores que os perseguiram e maltrataram por causa de sua fé.

Após a morte de Lutero, Johannes Bugenhagen comparou o Reformador ao anjo deste texto que proclama um evangelho eterno. Essa comparação também foi feita, muitas vezes, no luteranismo posterior.

2.3 Romanos 3.19-28

Esta leitura apresenta uma clara distinção entre a Lei e o Evangelho. Pela Lei, vem o pleno conhecimento do pecado. A Lei é um espelho que mostra que todos pecaram. Nenhuma pessoa é justa diante de Deus. Ninguém se salva por seus próprios méritos. A justiça produzida pelo ser humano não salva.

O Evangelho revela a justiça de Deus. É uma justiça “produzida” por Deus e concedida a nós. Recebemos esta justiça por graça. Mas ela custou um preço altíssimo para Deus: o sangue de seu próprio Filho. Com seu sangue derramado na cruz, Jesus nos redimiu, nos libertou do pecado e de sua mais terrível consequência: a condenação eterna. Por causa de Jesus, somos declarados “não culpados” diante do tribunal de Deus. Jesus pagou a penalidade pelo nosso pecado e viveu por nós a vida perfeita que a Lei exige. A justiça que Jesus conquistou com sua vida e morte nos é atribuída e é recebida por nós pela fé. Mesmo os pecados cometidos antes da vinda de Jesus foram perdoados em vista do, então, futuro sacrifício de Jesus.

No versículo final da leitura, que resume todo o texto, o Evangelho brilha em toda sua intensidade: “Concluímos, pois, que o ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.”

A distinção entre Lei e Evangelho foi uma das principais ênfases da Reforma luterana e a epístola de Paulo aos Romanos foi um dos livros bíblicos mais apreciados por Lutero devido sua clareza no ensino da salvação por causa de Cristo, por graça, mediante a fé.

2.4 João 8.31-36

2.4.1 Contexto

Jesus estava ensinando no templo após a Festa dos Tabernáculos. Se o relato de João segue uma ordem cronológica, então o nosso texto vem logo após Jesus se identificar como a luz do mundo e como o enviado do Pai—o Messias—com o qual ele se identifica (v.19, 24, 28 “EU SOU”). A questão central em debate é a da paternidade: Quem é o Pai de Jesus e quem é o pai dos seus interlocutores (essa parte já aparece no nosso texto e na sequência dele). Os fariseus o rejeitam, mas “muitos creram nele” (v. 30).

2.4.2 Alguns destaques do texto

V. 31. Jesus se dirige aos judeus que haviam crido nele. A sequência revela que sua fé era fraca e sem raízes profundas (cf. Mt 13.18ss).

Permanecer na palavra vai além de uma mera concordância com o que Jesus disse. É ouvir e continuar ouvindo a voz do Bom Pastor. É segui-lo, estar conectado nele, depender dele, alimentar-se dele, assim como o ramo está unido à videira (João 15.1ss). Jesus é a palavra (o Logos, o Verbo Jo 1.1,14) que se fez carne. Ele anuncia a palavra e ele próprio é a palavra. Os que permanecem em sua palavra são verdadeiramente seus discípulos, conhecerão a verdade e a verdade os libertará.

V. 32. A verdade não é aqui um conceito filosófico ou simplesmente o oposto de mentira ou falsidade. A verdade de que Jesus fala é o conhecimento de Deus revelado em Jesus. Conhecer esta verdade é conhecer Deus como apresentado na pessoa de Jesus (Jo 14.6ss, Hb 1.3). No v. 36, Jesus deixa claro que a verdade que liberta é o próprio Filho. Jesus, o “Filho” e a “Verdade” é a revelação de Deus (Jo 1.18; 5.19-27).

A liberdade aqui é dada, não conquistada. Não se trata de autonomia individual ou coletiva, mas sim liberdade do pecado que escraviza, do “eu” escravo de vícios e da corrupção inata. “O pecador, ainda que seja rei, é escravo, não de um único homem, mas de tantos senhores quantos sejam seus vícios” (Agostinho).

V. 33. Os ouvintes de Jesus se ofendem com as palavras de Jesus sobre liberdade. Dizem “jamais fomos escravos de ninguém,” embora estivessem vivendo sob o domínio romano e já terem sido escravizados diversas vezes ao longo da história. O não reconhecimento da própria escravidão ao pecado, impede que se aceite a oferta de libertação. O ditado popular: “o algemado perde tudo, até a vontade de libertar-se das algemas,” também se aplica aos algemados, ou escravos, espirituais.

V. 34. Jesus explica a que tipo de escravidão ele está se referindo: à escravidão do pecado. A natureza humana está corrompida pelo pecado, se inclina constantemente para ele (Rm 8.6-8; 2Pe 2.19) e não consegue se libertar dele com suas próprias forças.

V. 35. O verbo “permanecer” (ficar), que já apareceu no v. 31, é repetido mais duas vezes neste versículo. Quem permanece na palavra de Cristo fica para sempre na casa e família de Deus, mas quem continua sendo escravo do pecado não tem parte nessa casa e família. A escravidão do pecado é o pior tipo de escravidão pois não podemos fugir de nós mesmos, daquilo que queremos segundo nossa natureza pecaminosa.

V. 36. Aquilo que nenhum ser humano pode realizar com seu próprio esforço, Jesus lhe oferece de graça: a verdadeira liberdade. No v. 31, “a verdade os libertará”, aqui “o Filho” liberta. Jesus é o caminho, a verdade e a vida. Ele nos liberta da escravidão do pecado e nos introduz na casa e família de Deus para sermos filhos livres que permanecem na casa do Pai para sempre.

3 IDEIAS PARA A PREGAÇÃO

Todas as leituras desse domingo—em que celebramos a Reforma luterana—apontam para aquilo que Deus faz por nós movido por sua graça e misericórdia. Lutero redescobriu a graça de Deus que, em sua palavra, nos oferece e concede todas as dádivas que necessitamos para nossa salvação eterna. Pela fé recebemos estas dádivas concedidas gratuitamente por causa de Cristo.

No dia 19 de outubro de 1512, Lutero tornou-se doutor em teologia e, logo após, começou a lecionar sobre a Bíblia. Foi a leitura (ele lia toda a Bíblia duas vezes por ano) e o estudo da Bíblia que o levaram à convicção de que Jesus Cristo é o centro de toda a Escritura e que a justiça de Cristo nos é imputada, ou atribuída, para a salvação.

Na sua palavra e, de maneira especial, na sua palavra que veio em carne, Deus se revela e nos diz quem ele é e também quem nós somos. É importante que o ser humano ouça e guarde esta palavra. O próprio Jesus explica a razão disso ao responder à pergunta:

Por que devemos permanecer na palavra de Jesus?

1. Para sermos verdadeiramente seus discípulos;
2. Para conhecermos a verdade;
3. Para sermos libertados pela verdade

1

Muitos judeus haviam crido em Jesus. Mas, ao que tudo indica, sua fé era fraca e instável. Jesus lhes diz que, para serem verdadeiramente seus discípulos, eles precisam **permanecer** na sua palavra. O verbo permanecer (ficar, habitar) μένω é importante em João (1.32,33; 5.38; 6.56; 12.46; 14.17; 15.4-16, embora que, nas traduções, isso nem sempre fique claro). João, e Jesus, indicam que para permanecer em Jesus é necessário mais do que uma “fé” superficial e instável. Permanecer em Jesus envolve uma nova vida, um discipulado.

O permanecer na palavra de Jesus acontece quando o povo de Deus ouve a pregação da palavra, recebe o corpo e sangue de Cristo na Ceia, recebe o perdão na absolvição, quando acontece a admoestação e consolação mútua, quando o batismo é lembrado diariamente. Em outras palavras, o povo de Deus permanece na palavra quando ouve a voz do Bom Pastor, quando ouve as promessas do Evangelho e medita nelas. Este permanecer na palavra produz frutos (Jo 15.7-8; cf. CA, XX).

O “permanecer na palavra” está no presente. O “conhecer a verdade” e o “ser libertado” está no futuro. Aqui no mundo, o conhecimento da verdade e a libertação do pecado é parcial, só na eternidade será pleno, até lá é um “já e ainda não”.

Infelizmente, o mundo também está cheio de falsos “discípulos de Jesus”. Esses distorcem as palavras de Jesus, ensinam suas próprias ideias, querem implantar o “reino de Deus” de acordo com suas concepções e com seus métodos, transformam Jesus em novo legislador etc. Para não serem enganados e desviados, os cristãos precisam permanecer na palavra.

No II e III séculos, o gnosticismo enganou a muitos com sua promessa de uma “verdade secreta” que Jesus teria ensinado só aos discípulos e que seria o verdadeiro caminho da salvação. Muitas outras “falsas verdades” foram difundidas ao longo da história e tiveram como consequência a descrença numa verdade absoluta e, portanto, a relativização e subjetivação da verdade.

Jesus promete o conhecimento da verdade aos que permanecerem na sua palavra. Com este propósito, Jesus prega a lei—que mostra quem somos—e o evangelho—que revela quem Deus é e o que ele faz por nós. Conhecemos o poder de Deus e a sua lei pela natureza e pela nossa consciência. Jesus nos revela e mostra qual é a disposição de Deus em relação a nós: seu desejo de perdoar e salvar a humanidade.

Vivendo numa época em que o ensino da verdade de Deus havia sido obscurecido e substituído por ensinamentos humanos legalistas, Lutero foi um instrumento de Deus para anunciar sua verdade salvadora, fazendo novamente clara distinção entre lei e evangelho.

3

A terceira maravilhosa dádiva de Jesus aos que permanecem na sua palavra é a liberdade. Há muitos conceitos de liberdade.

Qual é a liberdade que Jesus oferece? Não a autonomia em que cada indivíduo se declara dono de seu próprio nariz e faz o que quer. Essa “liberdade” muitas vezes escraviza o ser humano em seus próprios vícios. O que Jesus nos oferece e concede é a liberdade de nossos inimigos espirituais: diabo, pecado, morte. Somos libertados pela palavra de Jesus que é o mesmo que dizer que o próprio Filho nos liberta. Diz Lutero no Catecismo Maior:

“Se alguém perguntar: ‘O que você crê no segundo artigo a respeito de Jesus Cristo?’, responda da maneira mais breve possível: ‘Creio que Jesus Cristo, verdadeiro

Filho de Deus, se tornou meu Senhor’. Agora, ‘tornar-se Senhor’, que significa isso? Significa que ele me remiu do pecado, do diabo, da morte e de toda desgraça. Pois antes eu não tinha senhor nem rei, mas estava cativo sob o poder do diabo, condenado à morte, enredado em pecado e cegueira. . . . Jesus Cristo . . . Ele nos arrancou a nós, pobres seres humanos perdidos, das garras do inferno, nos conquistou, libertou e nos trouxe de volta à clemência e graça do Pai. Ele nos pôs, como propriedade sua, sob seu amparo e proteção, para governar-nos com sua justiça, sabedoria, poder, vida e bem-aventurança”.

O senhorio de Cristo não é escravidão, mas liberdade. Quando ele nos tornou seus, ele nos libertou e nos deu a única liberdade verdadeira que podemos ter.

Quem precisa dessa liberdade? Os ouvintes de Jesus se ofenderam quando ele lhes prometeu liberdade. Sendo descendentes de Abraão, eles se consideravam livres, eram povo de Deus por herança. Hoje, é possível que ouvintes pensem: nós somos luteranos (talvez até de berço), somos membros da igreja, já somos livres; escravos são os outros, os que não frequentam a igreja, os viciados, os que vivem abertamente no pecado. Sim, mas não só. Nossa epístola diz (Rm 3.22-23): “não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”. Mesmo sendo cristãos, ainda temos o velho homem em nós, ainda estamos na carne e jamais conseguimos nos libertar com nossas próprias forças (Rm 7.14ss). A libertação plena e final só acontecerá na eternidade. Nesta vida, precisamos continuamente de perdão e libertação.

O que significa ser livre? Lutero responde essa questão no seu famoso escrito “Da liberdade cristã” com o famoso paradoxo: “O cristão é um senhor libérrimo sobretudo, a ninguém sujeito [pela fé ↓ Deus]. O cristão é um servo oficiosíssimo de tudo, a todos sujeito [pelo amor → próximo] (OSel, v.2, p. 437).

4 CONCLUSÃO

Agradeçamos e louvemos a Deus que nos concede permanecer na sua palavra e assim sermos verdadeiros discípulos do Senhor Jesus, conhecermos a verdade e termos a verdadeira liberdade.

Agradeçamos também pela Reforma luterana, na qual Deus usou Lutero como seu instrumento para restaurar o ensino da verdade, colocando a palavra de Deus ao alcance do povo.

5 OBSERVAÇÕES

1) Em vez de pregar sobre as três partes acima, o pregador poderá, a seu critério, optar por aprofundar somente o permanecer na palavra de Cristo, ou uma das partes acima. A conexão com a Reforma poderá ser facilmente estabelecida em qualquer uma dessas opções.

2) É significativo para a IELB que, na mensagem de abertura da fundação do distrito, em 1904, o representante do sínodo pregou sobre o nosso texto, João 8.31-32. O tema da mensagem do Rev. Ludwig Lochner foi; “Por que um verdadeiro sínodo deve permanecer na palavra de Jesus?”.

Paulo Wille Buss